

Revolução Nacional interrompida

Luiz Carlos Bresser-Pereira
Folha de S.Paulo, 07.08.11

Uma revolução dessa natureza só se completa quando seu povo deixa de ser vítima do complexo de inferioridade colonial

No último domingo, nesta **Folha**, tendo como pano de fundo a crise de confiança que vitima a economia brasileira, Roberto Teixeira da Costa lembrou, dos anos 70, quando Paulo Lira, na presidência do Banco Central, e Fernão Bracher, na diretoria de câmbio, controlavam a entrada de capitais e defendiam o interesse nacional ("Inquietudes do câmbio flutuante", pág. A3).

Controlavam a entrada porque sabiam quão perniciososa pode ser para a economia nacional, principalmente em termos de valorização do câmbio, a entrada descontrolada de capitais de curto prazo e porque reconheciam que mais tarde, quando advém a crise, controlar a saída desses mesmos capitais é muito mais difícil, senão impossível.

No mesmo domingo, Elio Gaspari publicou uma carta de Arthur Bernardes, de 1923, na qual o presidente mostrava sua inconformidade com a crise a que os credores externos estavam, então, levando o Brasil e com as chantagens que o país sofria para ver normalizada sua situação internacional (pág. A24).

Li esses textos eu próprio com tristeza. Não porque o sistema financeiro internacional não tenha, afinal, mudado de comportamento, mas porque nós, brasileiros, em vez de aprendermos a nos defender no cenário internacional, desaprendemos. Arthur Bernardes foi um precursor da "Revolução Nacional", que ganharia impulso decisivo alguns anos mais tarde, com Getúlio Vargas e a industrialização substitutiva de importações. Uma revolução em que o país, suas elites e o povo promoviam o desenvolvimento econômico a partir de uma noção clara de interesses nacionais.

A Revolução Nacional brasileira, entretanto, ficou interrompida. Ela foi precedida pelos cafeicultores do Oeste paulista, que garantiram ao país, entre 1870 e 1930, altas taxas de crescimento econômico. Depois de uma rápida crise, em 1930, ela foi retomada com força e teve êxito por 50 anos, até 1980.

A Revolução Nacional brasileira, porém, não se completou, porque uma revolução dessa natureza só se completa quando seu povo deixa de ser vítima do complexo de inferioridade colonial, quando suas elites passam a pensar com suas próprias cabeças e quando seu governo tem claro que sua missão é defender o trabalho e o capital nacionais.

Povos, elites e governos, em países como os EUA ou a França, não têm dúvida a respeito dessas três coisas. Completaram sua Revolução Nacional há muito.

Nós somos patriotas e não temos dúvida sobre para quem torcer em competições esportivas, mas, quando o problema é de economia e política internacionais, ficamos confusos: Uns ainda estão no tempo do velho nacionalismo e acreditam que estamos rodeados de potências imperialistas que só pensam em nos explorar; outros, no extremo oposto, dizem que não há diferença entre capital nacional e internacional, e só pensam em construir confiança no exterior fazendo tudo que nos sugerem fazer; e só uma parte da população compartilha da convicção que é dominante em países desenvolvidos: a de que devemos pensar com nossas cabeças e defender, caso a caso, os interesses do trabalho e do capital nacionais.

A crise de confiança que se abateu sobre a economia brasileira jamais teria ocorrido se as elites brasileiras, diante da crise do modelo de desenvolvimento nacional que estava em curso desde 1930, não houvessem jogado fora o bebê com a água do banho. A crise que começava em 1980 era numa crise da dívida externa, uma crise fiscal do Estado e uma crise do excesso de intervenção estatal. Exigia que se voltasse a reduzir o endividamento externo, enquanto se reconstruía fiscal e administrativamente o aparelho do Estado e se dava ao mercado um papel mais ativo.

Cumprimos uma parte desse programa, mas, em vez de reconstruir financeiramente o Estado, endividamo-lo ainda mais; em vez de privatizarmos apenas setores competitivos, privatizamos também monopólios naturais; em vez de controlar a entrada de capitais e reduzir a dívida externa, ampliamo-la; ao invés de mantermos um câmbio relativamente desvalorizado, como fizeram todos os países que iniciavam seu desenvolvimento, deixamos que a entrada de capitais valorizasse nossa moeda e aumentasse artificialmente salários e consumo. E tudo, nos anos 90, com o apoio do FMI, do Banco Mundial e dos mercados financeiros internacionais.

Em janeiro de 99, depois de uma primeira crise de confiança, o presidente Fernando Henrique, teve a coragem de deixar flutuar o câmbio. A economia brasileira e os mercados internacionais reagiram favoravelmente.

Entretanto, em 2001, quando os mercados internacionais sinalizaram que a desvalorização cambial não havia sido suficiente para equilibrar a conta corrente

brasileira, o Banco Central voltou a violentar o mercado de câmbio em nome do combate à inflação. Novamente com amplo aplauso internacional.

Nossa Revolução Nacional continua interrompida. Talvez, porém, a crise atual nos leve a repensar o Brasil. É significativo o fato de todos os candidatos à Presidência criticarem a política econômica governamental. É também expressiva a precedência que os candidatos, principalmente José Serra, dão ao aumento das exportações para sairmos da crise. Estas podem ser indicações de que nossas elites, empurradas pelo povo e pelo voto, reencontrarão o caminho da revolução interrompida.